

INTRODUÇÃO AOS *PRINCÍPIOS DE MORFOLOGIA* DE HORÁCIO ROLIM DE FREITAS¹

José Pereira da Silva (UERJ)
jpsilva@filologia.org.br

RESUMO

Na “Introdução” de seu livro *Princípios de Morfologia*, Horácio Rolim de Freitas esclarece sobre a metodologia utilizada no desenvolvimento de sua pesquisa sobre o processo de derivação na língua portuguesa, tomando uma posição metodológica firme e apresentando as justificativas suficientes para essa tomada de posição. Trata especialmente da visão sincrônica, destacando a importância das dicotomias saussurianas, estendendo as reflexões sobre as dicotomias *langue/parole* e diacronia/sincronia, concluindo com uma longa exortação sobre a importância do caráter metodológico e da simplificação no ensino da língua.

Palavras-chave:

Derivação. Diacronia. Ensino. Metodologia.

1. *Introdução*

Pretende-se, aqui, dar uma interpretação ao processo de derivação na língua portuguesa que representa uma tomada de posição diante de um fato linguístico que merece um reexame sob critério sincrônico e valor semântico-funcional.

Os fatos gramaticais, segundo Horácio Rolim de Freitas, devem ser descritos de acordo com a função dos elementos que compõe a estrutura de um sistema num determinado estado de língua. Por isso, torna-se indispensável ao pesquisador a adoção de um método de trabalho: ou o pesquisador usa um critério sincrônico ou usa um critério diacrônico. Não são cabíveis preocupações diacrônicas para explicar fatos do sistema atual, fugindo de uma visão que deve ser exclusivamente sincrônica.

Para determinar os limites de uma interpretação sincrônica, não deve ser esquecido o aspecto dinâmico da língua, porque o movimento é contínuo e toda língua é o produto das forças centrífuga e a centrípeta

¹ Versão da “Introdução” disponível em FREITAS, Horácio Rolim de. *Princípios de morfologia: visão sincrônica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1991, p. 17-28, atualizada e semiparafraseada por José Pereira da Silva (UERJ) – jpsilva@filologia.org.br

que sobre ela atuam.

É assim que Horácio Rolim de Freitas apresenta o problema da derivação, declarando que o seu estudo apenas reúne dados para outras apreciações e para que se faça um levantamento definitivo dos afixos derivacionais em nossa língua. Além de estar certo de que o primeiro passo para isto é romper certas barreiras tradicionais, alerta que só haverá pesquisa, efetivamente, se o pesquisador adotar um método de trabalho.

2. *Visão sincrônica*

Para qualquer tomada de posição sobre os fatos linguísticos, é hoje indispensável que o estudioso ou o pesquisador adote um critério ou método de trabalho que se baseie num ponto de vista linguístico e que procure conceituar, com precisão, os termos em estudo.

Quando se fala em estruturalismo linguístico, é comum pessoas tomarem as últimas ideias doutrinárias como as verdadeiras, em oposição às mais antigas, supondo que estariam ultrapassadas. Tal conceito nem sempre é correto nem condiz com a evolução da ciência da linguagem.

Não é o estruturalismo² que está “ultrapassado”, pois ele não é uma corrente ou uma tendência linguística. O estruturalismo é um ponto de vista epistemológico ou de metodologia científica. Logo, haverá tantos estruturalismos quantos “estruturalistas” existirem. Nem as ideias de Noam Chomsky, consubstanciadas na gramática gerativa, escapam à denominação geral de estruturalismo. É por isto que o professor Sílvio Edmundo Elia (1913-1998)³, em precioso artigo na revista *Tempo Brasileiro*, dividiu o estruturalismo em duas fases: a fase descritivista e a fase gerativa, “das quais a segunda é um desenvolvimento e não uma antítese da primeira”.⁴

² Foi regularizado o uso das iniciais maiúsculas de acordo com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, considerando que, em muitos casos, a letra maiúscula inicial é usada facultativamente, como se pode ver na base XIX, § 1º, letras c, f, g e § 2º, letra i (Cf. SILVA, 2010, p. 103-105).

³ Estão sendo informados, neste trabalho, os nomes completos dos autores e o período em que viveram, como forma de homenageá-los e torná-los mais conhecidos, fugindo da tradição acadêmica de informar apenas o último item de seus nomes acadêmicos.

⁴ Outros autores corroboram a ideia do Prof. Sílvio Edmundo Elia (1913-1998), admitindo ser a gramática gerativa-transformacional uma forma de estruturalismo:

Com isto se quer dizer que este trabalho se apoia num ponto de vista linguístico, dentro das ideias estruturalistas e, para isto, inicialmente, serão definidos com precisão os termos *estrutura*, *sistema* e *língua*.

Neste esboço inicial, o autor partiu das ideias-motrizes do gênio suíço, Ferdinand de Saussure (1857-1913), pois ele considera sensatas as palavras de Bertil Frans Harald Malmberg (1889-1958): “a obra póstuma de Saussure constitui o ponto de partida da maioria das ideias-motrizes, que caracterizam a linguística moderna por oposição ao método histórico e comparativo do século XIX”.

Para Ferdinand de Saussure (1857-1913), a língua é uma parte essencial da linguagem, é um produto social representado por um conjunto de convenções que possibilita às pessoas o exercício dessa linguagem. Em síntese, a língua é “um sistema de signos que exprimem idéias”. Ao estudo desses signos, na vida social, Ferdinand de Saussure (2012) chamou de semiologia, ciência da qual a linguística é apenas uma parte. Assim, ele admite a língua como instituição social, sob influência de David Émile Durkheim (1858-1917), não absoluta, mas através do ambiente da sociologia francesa. Para Saussure (2012), assim como para Durkheim, a sociedade é uma estrutura que compreende um mundo de relações, a língua representa um feixe de relações que, em sua obra, aparece com a denominação de *sistema*.

Sabe-se que a linguística estuda as formas da expressão e do conteúdo, isto é, as *relações* que se estabelecem entre esses elementos, e não os elementos substantivos da linguagem. O conceito de *forma* coincide com o de *estrutura*, de onde provém o conceito de estruturalismo.

Ferdinand de Saussure (1857-1913) foi o primeiro estruturalista nos estudos da ciência da linguagem, embora nem tenha usado o termo *estrutura* em sua obra póstuma.

PIAGET, Jean William Fritz (1896-1980). *O estruturalismo*. Trad.: Moacir Renato de Amorim, do original francês *Le Structuralisme*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970, p. 66, 67 e 68.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso (1904-1970). O estruturalismo linguístico. *Revista Tempo Brasileiro*, n. 15/16, p. 33: “A característica fundamental, porém, da teoria de Chomsky é a natureza dinâmica do seu estruturalismo”.

NIVETTE, Joseph. *Princípios da gramática gerativa*. Trad.: Nilton Vasco da Gama, do original francês *Principes de Grammaire Générative*, 1970. São Paulo: Pioneira, 1976, p. 5: “A gramática gerativa aparece, pois, como uma teoria estruturalista – visto que estuda a língua segundo o aspecto sincrónico, considera-a como uma estrutura e, ademais, propõe-se por alvo o sistema ordenado das unidades e das reações...”

A palavra *estrutura* com sentido específico que tem no estruturalismo aparece pela primeira vez no 1º Congresso de Filólogos Eslavos (1929), no Círculo Linguístico de Praga. E é da expressão *estrutura de um sistema*, que derivaram as palavras *estrutural* e *estruturalismo*.⁵

É preciso reinterpretar a teoria saussuriana. Admitiu o sábio linguista que a linguística é uma parte da semiologia. Ora, sabe-se que qualquer sistema semiológico necessita de linguagem para sua compreensão. Assim sucede com objetos, imagens e sinais nos quais a substância visual, por exemplo no cinema, na fotografia de imprensa, não tem autonomia, pois os significantes carecem da linguagem, ou seja, os significados só existem na linguagem.

Esta conclusão já era encontrada em Roland Barthes (1915-1980), para quem “a semiologia é que é uma parte da linguística”.

Outro conceito saussuriano que merece ser reinterpretado é a afirmação de que a “a língua é forma, não uma substância”. Não se esquecerá de que o conteúdo da mensagem é a substância, cuja manifestação se faz pela forma, pelas inter-relações dos elementos que constituem a estrutura – a língua. Contudo, Ferdinand de Saussure (1857-1913) chegou a matematizar a linguística, comparando-a às ciências matemáticas, onde tudo é forma. Nas ciências humanas há a base sociopsíquica, admitida pelo próprio Saussure (2012). Coseriu (1973), com a argúcia que lhe é peculiar, realça o valor da substância concluindo ser a *língua uma forma numa substância*, dizendo que

nos objetos culturais, a substância é determinada (escolhida) pela forma: são formas que assumem uma substância. Nestes últimos objetos, entre os quais a linguagem também é encontrada, a substância não é diferente nem pode ser ignorada. (COSERIU, 1973, p. 265)

3. *Língua e fala*

Dentre as várias dicotomias de Ferdinand de Saussure (2012), resalta-se em importância a de *langue/parole*. O mestre suíço distinguiu os

⁵ Confira em RICOEUR, Paul. “La structure, le mot, l’évenement”, em *Esprit*, France, nº 360, p. 805, 1967: “estrutura de um sistema, passa a adjetivo estrutural, para definir o ponto de vista que contém essas várias ideias e, finalmente, a estruturalismo, para descrever pesquisas que tomam o ponto de vista estruturalista como uma hipótese de trabalho, ou mesmo como ideologia e arma de combate” (tradução da citação de Liba Beider no artigo “Estrutura Linguística” na *Revista Tempo Brasileiro*, n. 15/16, p. 49).

dois campos, abrindo, assim, novas perspectivas para os estudos que sucederam à sua obra e que continuam a frutificar.

A *língua* representa um conjunto sistemático de convenções, cujo objeto social é a comunicação, ao passo que a *fala* se caracteriza pelo aspecto individual que seleciona e atualiza.

Embora Saussure (2012) delimitasse os dois termos, eles se interligam e interdependem, pois, segundo Roland Barthes, “não há língua sem fala e não há fala fora da língua” (BARTHES, 1972, p. 19).

A língua, instituição social, não permite ao indivíduo sozinho modificá-la ou criá-la. Esse caráter social da língua compreende dois aspectos: o institucional e o sistemático que existem apenas na “massa falante”. Em resumo, a língua é o produto e o instrumento da fala. Daí a fala só poder ser estudada no que tem de linguístico, como processo de comunicação. Portanto, o que pertence à linguística é uma ciência da *língua* e não da *fala*.

Essa dicotomia de Saussure foi ampliada em termos mais formais por Louis Hjelmslev (1899-1965) que admitiu três planos da língua: 1º) o esquema; 2º) a norma; 3º) o uso.

O *esquema* corresponde ao conceito de *sistema* de Saussure, isto é, a *língua* em sentido rigoroso.

A *norma* compreende a língua como realização social, embora seja independente de peculiaridades de um determinado grupo social ou de determinada região.

O *uso* é a língua como conjunto de hábitos de certas regiões, dentro de certo limite cronológico, como se pode exemplificar com o *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, de Francisco da Silva Borba (2002), que se baseia em um *corpus* de textos produzidos nos últimos cinquenta anos.

Em síntese, Louis Hjelmslev recria uma dicotomia esquema/uso que corresponde à *langue/parole* de Ferdinand de Saussure, formalizando língua e socializando a fala.

O conceito de *idioleto* que muitos definem como “a linguagem falada por um só indivíduo”, e que mereceu contundente e perspicaz crítica de Roman Jakobson (1896-1982) também é proveniente dessa dicotomia saussuriana. Baseando-se no aspecto social da linguagem, já defendido por Saussure, Jakobson (1971) afirma:

al e um sistema de valores. É com base nessa concepção que Saussure encarou o signo linguístico. E a moderna teoria da comunicação, segundo Malmberg (1889-1958), veio “confirmar plenamente o bem fundamentado da concepção saussuriana”.

Como se procura justificar aqui, é quase impossível estudar um fato linguístico sem se precisar o critério e sem se basear num ponto de vista metodologicamente científico. Embora muito se critique e alguns até retifiquem alguns conceitos de Saussure, a verdade é que suas dicotomias continuam a despertar interesse, discussão e reformulação de ideias em todos os campos dos estudos linguísticos.

É oportuno lembrar que o campo semântico, tão discutido e estudado diacronicamente desde a Antiguidade pelos gregos, foi reformulado no aspecto sincrônico, graças à teoria do signo de Saussure, o que levou Malmberg (1971) a afirmar que “incluindo o significado na ideia do signo linguístico, Saussure lançou as bases da semântica moderna” (MALMBERG, 1971, p. 65).

4. *Sincronia e diacronia*

O ponto de partida da doutrina de Saussure foi o fato de ele considerar de real importância o *sistema*, que reúne os elementos constitutivos de uma língua, e através do qual a linguagem humana transmite um conteúdo. Assim, Ferdinand de Saussure se opôs à tradição dos neogramáticos que, apegados ao historicismo das línguas, estudavam os seus elementos isoladamente. Ora, ele comprovou a importância do sistema linguístico através do equilíbrio dos elementos constitutivos que, por distinções e oposições apresentam relações de interdependência. Daí a sua afirmação de que “na língua só há diferenças”. Ele colocou em destaque a importância do estudo descritivo a que chamou de *sincrônico*, a par da pesquisa histórica (a diacronia) em que o estudo de uma palavra ou de uma língua não descarta o estudo sincrônico e mesmo o pressupõe. A propósito, são elucidativas as palavras de Malmberg: “toda conclusão concernente à história da língua deve pressupor uma análise dos dados sincrônicos, não como fenômenos isolados, mas em suas relações mútuas”.

Naturalmente, em matéria de ponto de vista cientificamente metodológico, não faltou quem se opusesse às dicotomias saussurianas, como Émile Benveniste (1902-1976), Walther von Wartburg (1888-1971) e os

idealistas que só concebiam a explicação de um fenômeno linguístico através de sua história.

Entretanto, acredita-se que houve certo rigorismo descabido nesses opositores de Saussure. O autor do *Curso de Linguística Geral* não só ressaltou a importância dos estudos dos dois campos linguísticos (sincrônico e diacrônico), como trouxe, inegavelmente, uma renovação aos próprios métodos históricos, ao encará-los dentro do conjunto de um sistema e não mais como elementos isolados. Acertadas são as palavras de Lepshy (1971), em cuja obra o Prof. Horácio Rolim de Freitas buscou apoio: “é preferível não ler no *Curso de Linguística Geral*, nem mesmo polemicamente, noções que são estranhas a ele”.

De fato, não se nega que toda linguagem está em evolução em todos os momentos de sua história. Aliás, foi o próprio Saussure quem disse: “o sistema nunca é mais que momentâneo; varia de uma posição a outra” (SAUSSURE, 2012, p. 130).

Em outra passagem, algumas páginas adiante, o mestre torna a frisar que não há imutabilidade absoluta no *estado* de língua: “Na prática, um estado de língua não é um ponto, mas um espaço de tempo mais ou menos longo, durante o qual a soma de modificações ocorridas é mínima” (SAUSSURE, 2012, p. 146).

Portanto, ninguém duvida de que as línguas estão continuamente em processo de transformação. Há um conjunto de traços, no sistema sincrônico, provenientes de estados anteriores e, ao mesmo tempo, o germe de novas transformações. Encarado o fato linguístico num determinado *estado*, tudo é sistemático. Logo, um ponto de vista é o sincrônico (estudo dos sistemas, num dado estágio de língua) e outro é o ponto de vista diacrônico (estudo das transformações dos sistemas).

Naturalmente se conclui que Saussure não esqueceu nem menosprezou a diacronia, antes, ao contrário, deu-lhe novos métodos de pesquisa, através da sincronia, tão descuidada pelos neogramáticos.

Está fora de dúvida a importância do estruturalismo sincrônico graças a Saussure. Haja vista a repercussão que teve em nomes tão importantes como: Leonard Bloomfield (1887-1949), desenvolvendo os estudos descritivos, através de métodos distributivos; Louis Hjelmslev (1899-1965) e Knud Dag Nielsen Togeby (1918-1974) com o método imanente da glossemática, onde a estrutura adquire autonomia; ou ainda com Nikolay Sergejevich Trubetzkoy (1890-1938) no campo fônico, on-

de a fonologia representa o máximo de desenvolvimento sincrônico.

Essa importância dada aos estudos sincrônicos não indica que Ferdinand de Saussure não admitisse que a língua está evoluindo sempre, como parece acreditarem alguns críticos de sua obra. Realmente, sua pretensão foi a de determinar os métodos de trabalho, delimitando os campos de estudo e pesquisa, e objetivando as explicações coerentes do fato linguístico. Não poderiam ser mais lúcidas e precisas as suas palavras na seguinte passagem do *Curso de Linguística Geral*:

Com efeito, a imobilidade absoluta não existe; todas as partes da língua estão submetidas à mudança; a cada período corresponde uma evolução mais ou menos considerável. Esta pode variar de rapidez e de intensidade sem que o princípio mesmo seja enfraquecido; o rio da língua corre sem interrupção; que seu curso seja tranquilo ou agitado é consideração secundária. (SAUSSURE, 2012, p. 193)

Desse modo, também a diacronia se enriqueceu com as conquistas realizadas no plano sincrônico. As mudanças passam a ser tratadas dentro do sistema em que ocorrem, como mudanças em processo, identificadas nas variantes entre a língua dos idosos e a língua dos adolescentes.

Hoje, já não se põe em dúvida o verdadeiro caráter linguístico de uma descrição sincrônica. Procura-se confirmar a possibilidade de uma linguística diacrônica estrutural através da comparação das descrições sincrônicas de estados linguísticos sucessivos no tempo. O avanço nos estudos sincrônicos trouxe novos critérios de pesquisa na evolução das línguas, sem o historicismo biológico e físico dominante no século XIX.

Parece que as críticas feitas a Saussure decorrem de um estrito e limitado paralelo entre suas dicotomias: *langue/parole*, paradigmática/sintagmática e sincronia/diacronia.

Nas duas primeiras dicotomias, como bem observou Lepschy (1971), há verdadeira correlação; o que não ocorre com a terceira (sincronia/diacronia), onde a relação entre os termos é assimétrica e “a sincronia tem prioridade lógica”.

A partir dessa assimetria, deduz-se que o estudo sincrônico independe do estudo diacrônico, ao passo que este pressupõe aquele, inclusive e principalmente porque o falante comum não raramente percebe que a língua está em constante mudança.

Em suma, o fato linguístico pode ser estudado sob dois aspectos:

a) sob o aspecto *diacrônico* – suas transformações de um estado

de língua a outro;

b) sob o aspecto *sincrônico* – um estado linguístico através do seu funcionamento e da sua estrutura, não se levando em conta o modo como aí chegou.

As palavras de Saussure ecoaram profundamente em muitos outros linguistas que vieram ratificar e ampliar os estudos sincrônicos, dentre os quais se destaca o eminente Martinet (1964), que escreveu em seus *Elementos de Linguística Geral*: “convém que a descrição seja estritamente sincrônica, quer dizer, que se baseie apenas em fatos observados num lapso de tempo suficientemente curto para, na prática, se poder considerar um ponto no eixo do tempo” (MARTINET, 1964 e 1968).

Logo, o estudo de fatos do sistema deve procurar explicar como funcionam os elementos constitutivos dessa estrutura, pois, como bem assevera Martinet (1964, Prefácio, p. VIII): “*só um ponto de vista, estritamente sincrônico*, permite depurar os fenômenos lingüísticos” (grifo nosso).

5. *Caráter metodológico e simplificação no ensino da língua*

Considerando a importância do fator metodológico no ensino da língua, é necessária uma sistematização coerente dos elementos linguísticos. Cabe ao pesquisador penetrar na estrutura linguística e procurar explicar o seu funcionamento dentro da norma e uso predominantes num país. Pois isto o presente trabalho começa com a precisão das dicotomias básicas em questão de linguagem.

Um aspecto que não deve ser descuidado é a relação *langue/parole* que, embora possa ser estudada separadamente, mantém uma interligação capaz de levar o estudioso a conclusões errôneas, se ele não ficar atento ao fato de que ambas dependem uma da outra.

A *língua* é o sistema que proporciona comunicação e entendimento às pessoas do grupo social. Contudo, é claro que ela só se realiza na *fala*, que é uma atividade dos sujeitos-falantes. Essa atividade, o uso na linguagem-padrão de uma comunidade, dará ao investigador os fatos reais num dado estado de língua, permitindo-lhes sistematizá-los sincronicamente.

Como fica exposto no item sobre sincronia/diacronia, o estudo de uma língua exige método, investigação de caráter científico. O valor das

dicotomias saussurianas, como uma questão de método, fica ainda mais evidente naquele tópico.

O aspecto sincrônico, hoje tão desenvolvido pelos linguistas, deve ser encarado como um método de investigação. A delimitação de Ferdinand de Saussure entre sincronia e diacronia visava antes e principalmente a uma metodologia para o pesquisador. Não se pretende ver a língua como um produto *estático* e um produto *evolutivo*, pois, na essência, ela é sempre um produto dinâmico. Esse dinamismo da língua, porém, permite encará-la em estados, apenas em um estágio ou em comparação com outros estágios.

Daí provém a necessidade da coerência na exposição do sistema linguístico e da simplificação no ensino da língua. Baseado nesses preceitos, é que se combaterá a mistura dos pontos de vista sincrônico e diacrônico do investigador. Por isto, repete-se que não se trata de considerar a língua como um produto estático ou produto evolutivo, mas de deprender o sistema, o funcionamento de seus elementos, as suas interdependências, de acordo com o uso das pessoas que a utilizam como meio de comunicação. Ora, se um elemento não tem valor distintivo num estado de língua, do ponto de vista sincrônico, por que explicá-lo diacronicamente, buscando na história um elemento desconhecido para os que se comunicam hoje?

Também para os que ensinam, a simplificação dos fatos linguísticos se torna indispensável.

A sincronia trata, normalmente, da língua-padrão de uma comunidade em determinada época, sistematizando seus elementos nos campos da fonologia, da morfossintaxe e da semântica.

No campo morfossintático, por exemplo, a coerência na relação dos elementos que compõem a relação fechada da língua é indispensável. Por que a presença de um afixo inicial na palavra *transport* é clara? Há gramáticos que juntam exemplos díspares na relação de prefixos, considerando, por exemplo, a existência de prefixo em *traduzir*, com a mistura dos métodos sincrônico e diacrônico.

No trabalho proposto no livro *Princípios de Morfologia*, o Prof. Horácio Rolim de Freitas encara os elementos de derivação num âmbito sincrônico.

Atualmente, quando é dada tanta ênfase à comunicação, será oportuno lembrar que o homem se vale de sistemas de signos para ex-

primir suas ideias. A linguagem, no entanto, representa o sistema semiótico mais importante da comunicação, diante do qual os demais sistemas são “acessórios ou derivados”, conforme as palavras de Jakobson (1969, p. 18).

O objetivo do emissor é transmitir uma mensagem, usando um código conhecido pelo receptor. Código esse que é o repositório de elementos constitutivos de um sistema assimilado pelas pessoas de uma determinada comunidade. Assim, a linguagem representa uma parte integrante da vida social e a língua será o primordial instrumento de comunicação.

Enfim, segundo Jakobson, “a propriedade privada no domínio da linguagem não existe: tudo é socializado” (JAKOBSON, 1969, p. 18).

6. *Enfim*

Enfim, no X Simpósio Nacional de Estudos Filológicos, em que o Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos homenageou o Prof. Horácio França Rolim de Freitas, pretendemos apresentar uma síntese do que foi o trabalho mais conhecido deste ilustre e pouco conhecido linguista e filólogo, apresentando rapidamente o seu livro de *Princípios de Morfologia*, cuja leitura sugerimos como uma das mais úteis, relativamente a este tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. Trad.: Izidoro Blikstein, de *Éléments de Sémiologie*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

BEIDER, Liba. Estrutura linguística. In: *Revista Tempo Brasileiro*, n. 15/16, p. 45-53.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. O estruturalismo linguístico. In: *Revista Tempo Brasileiro*, n. 15/16, p. 5-44.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

_____. *Sincronía, diacronía e historia*. Madrid: Gredos, 1973.

FREITAS, Horácio Rolim de. *Princípios de morfologia: visão sincrônica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1991.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad.: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.

_____. Results of a Joint Conference of Anthropologists and Linguists. In: RUDY, Stephen (Ed.). *Selected Writings*, vol. 2 – Word and Language. The Hague: Mouton, 1971, p. 554-567.

LEPSCHY, Ciro Giulio. *A linguística estrutural*. Trad.: Nites Therezinha Feres, da obra *La Linguistica Strutturale*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

MALMBERG, Bertil Frans Harald. *As novas tendências da linguística*. Trad.: Francisco da Silva Borba, da edição francesa *Les Nouvelles Tendances de la Linguistique*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1971.

MARTINET, André. *Elementos de linguística geral*. Trad.: Jorge Moraes Barbosa, do original *Éléments de Linguistique Générale*. Lisboa: Sá da Costa, 1964.

_____. *La Linguistique Synchronique*. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

NIVETTE, Joseph. *Princípios da gramática gerativa*. Trad.: Nilton Vasco da Gama, do original francês *Principes de Grammaire Générative*, 1970. São Paulo: Pioneira, 1976.

PIAGET, Jean William Fritz. *O estruturalismo*. Trad.: Moacir Renato de Amorim, do original francês *Le Structuralisme*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

RICOEUR, Paul. La structure, le mot, l'évenement. *Esprit*, France, n. 360, p. 801-821, 1967. Disponível em:
<<https://esprit.presse.fr/article/ricoeur-paul/la-structure-le-mot-l-evenement-24459>>.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehayé, com a colaboração de Albert Riedlinger. Prefácio à edição brasileira: Isaac Nicolau Salum. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, José Pereira da. *A nova ortografia da língua portuguesa*. 2. rev. e atual. Niterói: Impetus, 2010.